

cessem à visitação afetuosa, em extensos inquéritos, cheios de enigmas insolúveis. Quase todos os amigos lhe recomendavam o uso da oração ou lhe pediam procurasse o socorro de Julianio, o abnegado mentor espiritual.

A mente do enfermo vagava, apressada, num torvelinho de indagações, mas a morte trabalhava, serena, arrebatando-o, devagarinho, da esfera material.

Em certo instante, compreendeu Pessanha que não mais se achava no aposento corpóreo. Todavia, não conseguiu discernir a paisagem circundante.

Tinha agora os olhos enevoados, os pés inertes, as mãos imóveis.

Perdera, sobretudo, a noção de equilíbrio.

Acabrunhado, começou a orar, com uma espontaneidade e firmeza que antes não conhecera. Rogava a Julianio lhe esclarecesse o coração, lhe curasse as dores e lhe restituísse os movimentos. Quando terminou a prece fervorosa, a voz do prestimoso amigo se fez ouvir, nas sombras que o rodeavam, murmurando com lamentosa entonação:

— Ah! Pessanha, Pessanha! agora é muito difícil mobilizar-te os pés, as mãos e a cabeça que teimaste em não usar. Fugiste à ginástica da luta humana que adentra a alma para as esferas mais altas. Não peças, por enquanto, as emoções da espiritualidade superior: roga o regresso ao livro do mundo, retornando às lições benditas da experiência necessária. Quanto ao mais, conserva a paciência e a coragem, nas aflições de hoje, porque, em verdade, o homem que não percorre os roteiros justos, no aprendizado da vida, esbarra, fatalmente, nos labirintos da morte.

XXXII

A LIÇÃO DE ARITOGOGO

Examinávamos a paisagem das ambições humanas, quando um amigo considerou:

— Que o homem atenda aos conselhos da prudência, armazenando em bom tempo, como a formiga, para os dias de necessidade e inverno forte, é compreensível e razoável. A vigilância não exclui a previdência, quando é possível amealhar com o bem; mas, explorar o quadro das misérias alheias, embebedar-se na preocupação de ganhar, escravizar-se ao dinheiro, é criar um inferno de padecimentos intraduzíveis.

— Quantos precipícios cavados pelo egoísmo conquistador?! — disse outro — é lastimável observar as angústias semeadas nos caminhos humanos. As guerras não constituem senão o desdobramento das ambições desmedidas. E dizer-se que toda essa marcha de loucuras demanda as zonas da morte! quão incompreensível a nossa cegueira, nos círculos carnavais! quantos pesadelos desnecessários e quanta ilusão para se desfazer na sepultura!...

Um dos companheiros presentes sorriu e acrescentou:

— Nesse capítulo, recebi inolvidável lição, há mais de trezentos anos, por intermédio de um chefe indígena em nosso país.

— Como assim? — perguntei, sumamente interessado.

— Em princípios do século XVII — esclareceu o interlocutor —, participava dos serviços de uma embarcação francesa, em transporte de pau-brasil. Periódicamente, dávamos à costa, onde fizéramos

agradável camaradagem com os selvícolas, e, naquela época, envergando a qualidade de português do Alentejo, não tive dificuldades para aprender alguns rudimentos da língua aborígine, ao contacto dos nossos. Em razão disso, o chefe da tribo litô-rânea, que respondia pelo nome de Aritogogo, dedicava-me especial atenção. Na sexta viagem de nosso barco, o velho bronzeado chamou-me em particular, ministrando-me uma das mais belas lições de filosofia que já recebi em toda a minha vida. Observando-nos a afoiteza em carregar o navio com a madeira preciosa, perguntou-me ele, na linguagem que lhe era familiar:

— Escute, meu amigo, não há lenha em sua terra? E' preciso enfrentar o abismo das águas para alimentar o fogo no lar distante?

— Não, Aritogogo — respondi, esboçando um sorriso de pretensa superioridade —, a madeira não se destina a fogão. O pau-brasil fornece tinta para a indústria da Europa.

— Mas, para que tanta tinta? — tornou ele, assombrado.

— Para tingir a roupa dos brancos — expliquei.

— Ah! ah! vêm buscar a lenha para repartir com o povo — exclamou o cacique —, assim como nós buscamos remédio para os que adoecem e comida para os que têm fome!...

— Não, não — esclareci —; somos empregados de um industrial. Toda a carga pertence a um só homem. Trata-se de poderoso negociante de tintas, em França.

Aritogogo arregalou os olhos, espantado, e indagou:

— Que deseja esse homem com tantos paus e tanta tinta?

— Fazer fortuna — respondi —, alcançar muito dinheiro, ter muitas casas e muitos servidores...

O chefe índio sacudiu a cabeça e tornou a perguntar:

— Mas esse homem nunca morrerá?

Ri-me francamente da interrogação ingênua e observei:

— Morrerá, por certo.

— Então? — disse o índio — se ele vai morrer, como nós todos, deve ser tolo em procurar tanto peso para o coração.

Tentei corrigir-lhe a concepção, obtemperando:

— Esse homem, Aritogogo, está preparando o futuro da família. Naturalmente pretende legar aos filhos uma grande herança, cercá-los de fortuna sólida...

Foi aí que o cacique mostrou um gesto singular de desânimo, e falou em tom grave:

— Ah! meu branco, meu branco, vocês estão procurando enganar a Deus. As tribos pacíficas, quando começam a cogitar desse assunto, esbarram nas guerras em que se destroem umas às outras. O único ser, que pode legar uma herança legítima aos nossos filhos, é o dono invisível da Terra e do Céu. O sol, a chuva, o ar, o chão, as pedras, as árvores, os rios, são a propriedade de Deus que, por ela, nos ensina as suas leis. Retirar os nossos filhos do trabalho natural é pretender enganar o Eterno. Como podem os brancos pensar nisso?

— Nesse momento, porém — continuou o amigo espiritual —, o comandante chamou-me ao posto e despedi-me de Aritogogo, para não mais tornar a vê-lo naquela recuada existência.

O companheiro espraçou o olhar pelo céu azul, como a procurar a imagem distante do cacique filósofo e concluiu:

— Desde então, modifiquei minha ideia de ganho, compreendendo onde estão o supérfluo e o necessário, a providência e o desperdício, a sobriedade e a avareza, a reserva justa e a ambição criminosa. A lição de Aritogogo incorporou-se ao meu espírito para sempre. Com ela, aprendi que, dominar o dinheiro e aproveitá-lo a bem de todos, socorrendo necessidades e distribuindo bom ânimo, é obra do homem espiritualizado; mas, deixar-se dominar pelo ouro, na preocupação de ganho transitó-

rio, não reparando meios para atingir os fins, açambarcando direitos de outrem e valendo-se de todas as situações para recheiar os cofres e multiplicar os lucros, tão somente para manter a superioridade convencional, em prejuízo da consciência, é obra do homem vulgar, escravizado aos gênios perversos da tirania.

XXXIII

A DISSERTAÇÃO INACABADA

Depois de certa pregação de Jesus, em Cafarnaum, encontrou o Mestre, em casa de Pedro, quatro cavalheiros de luzente aspecto, a lhe aguardarem a palavra.

Vinham de longe, explicaram atenciosos. Judeus prestigiosos da Fenícia, moravam em Sídon. Já haviam bebido a cultura egípcia e grega, tanto quanto a filosofia dos persas e babilônios. O anúncio da Boa-Nova chegara-lhes aos ouvidos. Desejavam servir nas fileiras do Novo Reino, combatendo a licenciosidade dos costumes, na avareza dos ricos e na revolta dos pobres. Aceitavam o Deus Único e pretendiam consagrar-lhe a vida.

De quando em quando, os recém-chegados retificavam as dobras das irrepreensíveis túnicas de linho alvo ou acentuavam, de leve, o apuro das sandálias.

O Senhor ouviu-lhes as informações com admirável benevolência.

Cada qual falou, por sua vez, comentando as angústias do problema social na poderosa cidade de que provinham e, após encarecerem a necessidade de transformações políticas no cenário do mundo, esperaram, curiosos, a palavra do Cristo, que lhes afirmou, bondoso:

— Está escrito: — amarás o Senhor, Nosso Deus e Nosso Pai, de todo coração e não farás d'Ele imagens abomináveis; eu, porém, acrescento — fugi igualmente à idolatria de vossos próprios desejos, aniquilai o exclusivismo e não vos entronizeis na mentira, porque estardéis lesando a Sublime Divindade.